



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Fundamentos das estruturas subjetivas na psicopatologia psicanalítica: declinações nas neuroses e psicoses atuais

Tania Coelho dos Santos

Orcid: [0000-0002-5360-7864](https://orcid.org/0000-0002-5360-7864)

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII (Paris, França)
Professora Associada nível IV no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Pesquisadora do CNPQ nível 1 C. Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

Psicanalista Membro da École de La Cause Freudienne (Paris, França), da Escola Brasileira de Psicanálise (São Paulo, Brasil) e da Associação Mundial de Psicanálise (Paris, França)

Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (São Paulo, Brasil)

E-mail: taniacs@openlink.com.br

Este número de *aSEPHallus* conta com muitas contribuições que se esforçam para articular com a maior clareza os fundamentos conceituais das estruturas subjetivas e a atualidade das suas manifestações contemporâneas. A questão dos diagnósticos, em que pese a orientação lacaniana no sentido de uma despatologização cuidadosa, não deixa de nos embarçar quando é difícil distinguir uma neurose de uma psicose.

Meu último projeto de pesquisa financiado pelo CNPq interroga a diferença entre a subjetividade moderna e pós-moderna, destacando como a incidência das diferentes discursividades desconstrucionistas da nossa época contribui para tornar nebulosa essa distinção. Um dado sintoma é o efeito do discurso da ciência aliado ao do capitalismo, isto é, da foraclusão generalizada do Nome do Pai? Ou trata-se, efetivamente, de um efeito estrutural da foraclusão do Nome do Pai na estrutura subjetiva de um psicótico? Destacamos também o paradoxo de que os discursos politicamente corretos, supostamente de esquerda, produzem efeitos de foraclusão generalizada tanto quanto os discursos neoliberais. As discursividades pós-modernas situam-se, até onde podemos enxergar, num ponto de convergência entre a direita e a esquerda no espectro político contemporâneo.

O artigo de Maria Cristina da Cunha Antunes, revela os princípios e a metodologia empregados pelas teorias pós-modernas à serviço da desconstrução generalizada. Parte das relações entre feminismo e patriarcado na pós-modernidade. Interroga qual é o mal-estar que motiva as teorias feministas do século XXI e de inspiração pós-moderna? O mal-estar no feminismo ainda é sexual, evidenciam as teorias que discutem as relações entre os sexos com a matriz marxista da dominação masculina sobre a mulher. A autora evidencia quais são as ferramentas teóricas que permitem examinar o enlace entre as teorias feministas e as teorias pós-modernas. As teorias críticas são a base da ideologia multiculturalista pós-moderna e constituem uma referência dominante da literatura feminista no século XXI. Desenvolveram-se a partir do eco da descrença, da decepção, da destituição do projeto da modernidade científica da sociedade ocidental. Estruturam-se em dois eixos fundamentais: o ceticismo radical em relação ao conhecimento objetivo, científico e a primazia das relações de poder como a força

constituente da sociedade. Constituiu-se assim, um método da desconstrução generalizada de todas as referências simbólicas, culturais da sociedade ocidental que foram reduzidas a artifícios de dominação da elite sobre as minorias subalternas, dominadas. O princípio de sua ação política é o método de desconstrução do campo da linguagem. Os principais instrumentos são o chamado lugar de fala e o movimento politicamente correto. Mais além da dominação masculina, todo o tecido social tornou-se suspeito de produzir efeitos de segregação, opressão e exclusão.

Rebeca Espinosa Cruz Amaral aborda a hipótese de um novo mecanismo psíquico, o do desmentido da privação como sintoma do discurso capitalista, de seu co-autor, Rogério Robbe Quintella. Na interseção entre a lógica repressiva da economia psíquica vitoriana desenvolvida por Freud, e a lógica da economia política capitalista abordada por Lacan, destaca-se, por hipótese, esse tipo de defesa que aparece em muitos casos da clínica contemporânea. Este seria um modo de defesa subjetiva que aparece como um índice do fracasso do pai privador na passagem do segundo para o terceiro tempo do complexo de Édipo. Trata-se de uma forma de se defender da privação real buscando satisfação pulsional sem mediação simbólica. É uma estratégia fracassada e extrapola o princípio de prazer. Trata-se de um sintoma do próprio discurso capitalista. Se a forclusão da castração no discurso capitalista é uma promessa igualmente fracassada, o desmentido da privação aparece na subjetividade tentando solucionar esse fracasso. Ele é um sinal de que o discurso capitalista não cumpre sua promessa - e isso por sua própria engrenagem lógica.

Marcelo Walmir Araldi e Rosane Zétola Lustoza abordam o lugar e a função do fantasma entre os anos de 1953 a 1964 do ensino de Lacan. O lugar e a função do fantasma neurótico na experiência analítica faz parte da função da fala, tal como proposto por Lacan. A hipótese de trabalho dos autores é que, em alguns textos e seminários de Lacan (entre os anos de 1953 a 1964), o fantasma serve para perpetuar ao neurótico um senso de ser idêntico a si mesmo ao enquadrar uma realidade constituída inconscientemente enquanto resposta ao desejo do Outro. Isso acontece à medida em que tende a promover um apagamento de contradições provenientes da posição que, como sujeito, ocupa em relação a este desejo. A angústia, enquanto irrupção de um objeto com valor de não-eu no enquadre fantasmático, produz um efeito reverso, constituindo, por conseguinte, tanto uma contraprova quanto um apoio na demonstração dessa hipótese.

Flavia Lana Garcia de Oliveira e Filipi Dias de Souza Malta trazem um estudo sobre as incidências da pulsão oral nas psicoses maníaco-depressivas. Abordam as repercussões do modo de funcionamento marcado pela pulsão oral enquanto elemento decisivo para esclarecer as bases mais primordiais da psicose maníaco-depressiva. Este estudo também pode auxiliar na elucidação da presença de estados melancólicos e maníacos em configurações neuróticas de maior gravidade, ou ainda, em psicoses não desencadeadas. Partindo do referencial freudiano, os autores conferiram um espaço significativo às contribuições de Karl Abraham. Também contaram com a exposição de novas colaborações da psicanálise pós-freudiana, com enfoque nos impactos da voracidade pulsional na vida humana e as

consequências psicopatológicas desse tipo de fixação libidinal. Por fim, destacam a diferença para com as teorizações de Jacques Lacan, resgatando sucintamente princípios de sua teoria da clínica como a relação ao grande Outro, a lógica fantasmática, o objeto *a* e o significante paterno.

Breno Ferreira Pena e Andréa Máris Campos Guerra investigam as relações entre o Supereu e a neurose destacando que suas manifestações estendem-se desde os pecados do pai até a demanda do Outro que impõe ao sujeito: "Goza!". Partindo do arcabouço freudo-lacaniano, analisaram teoricamente o supereu na neurose, com o objetivo de investigar suas especificidades e seus truques, que invariavelmente levam o sujeito ao pior. O neurótico demanda amor, demanda ser demandado e recebe suas próprias demandas de forma invertida como demanda do Outro. Então, pelas fraturas da metáfora paterna, o supereu na neurose articula seus imperativos à demanda do Outro obstruindo o desejo, o que pode ser demonstrado com a figura do toro e com o grafo do desejo. Conclui-se, ressaltando a importância de pesquisar o supereu que carrega mistérios, paradoxos e sutilezas, que ainda deixam em aberto muitas perguntas. É preciso diferenciar as estratégias e os modos de gozo que essa instância impõe à neurose do destino do supereu no final de análise.

André Luiz Pacheco e Márcia Rosa intitulam seu artigo como um ensaio de *psicanálise profana*, com o objetivo de destacar um ponto de vista laico, distante dos cânones da psicopatologia clássica do diagnóstico e da experiência trans. Partem do exame da relação entre o poder de normalização, o dispositivo diagnóstico e a patologização da transexualidade para expor a função sob diferentes prismas da norma, na discussão sobre o normal e o patológico no contexto da experiência trans. São apresentadas ao leitor as dificuldades decorrentes dos pressupostos normativos que servem como diretrizes para políticas públicas e privadas de acesso ao processo transexualizador. Mediante uma discussão epistêmica, a experiência trans e sua patologização são analisadas em relação à função diagnóstica na psiquiatria e na psicanálise, observando o rigor de suas especificidades. Por fim, a orientação lacaniana é apresentada como alternativa à psiquiatrização e à patologização da experiência trans, tendo em vista o seu uso distinto do diagnóstico, que privilegia a singularidade em sua prática e o caráter subversivo de sua epistemologia.

Ainda no campo da especificidade do diagnóstico em psicanálise, Rodrigo Moreira de Almeida resenhou o livro de Paula Félix (2021) intitulado *Variantes da neurose-tipo ou a defesa na atualidade da clínica psicanalítica*. Intitulou sua resenha como *O corpo obeso longe da neurose clássica, uma interrogação à prática do analista hoje*. Destaca a posição da autora para quem, enquanto analistas, nos orientamos pelo sintoma e o gozo. Cabe a nós acolher a forma como o *falasser* se apresenta, assim como seus possíveis "arranjos" e "soluções". A clínica contemporânea, porém, convoca o analista a acompanhar seu tempo. O livro de Félix, em suas 199 páginas, surge da inquietação em sua prática clínica. Partindo dos fenômenos da oralidade em casos de obesidade mórbida, ela localiza, em alguns casos, que "o sofrimento psíquico apresentava-se como modo de defesa diante do real pulsional" (Félix, 2021, p. 15), e essa defesa parecia não estar articulada ao mecanismo do recalque, mas que isso não

situaria tais sujeitos em estruturas perversas ou psicóticas. A autora se pergunta sobre que outras formas de constituições psíquicas no campo da neurose estariam presentes na obra freudiana. Encontra algumas pistas em suas leituras de uma cuidadosa bibliografia. Longe de uma leitura ingênua ou idealizada de Freud, Lacan e de outros autores que se debruçaram sobre conceitos fundamentais da psicanálise, o texto de Paula oferece a seu leitor vinhetas clínicas, em que evidencia a importância da escuta clínica, no aspecto mais singular de cada caso. Deste modo, para além do diagnóstico, enfatiza a transmissão do fazer clínico no encontro do sujeito com um analista que orienta sua prática pela ética da psicanálise.

Antonio Teixeira, em *Atualidades* se pergunta: *Se todo mundo delira, como cada um delira nas estruturas neurótica e psicótica?* Ser louco, ele nos diz, parafraseando o filósofo Blaise Pascal, é não ser louco da loucura de todo mundo. Ao meditar sobre o significado dessa fórmula, às vésperas da preparação de sua intervenção no próximo congresso da Associação Mundial de Psicanálise, perguntou-se se seria essa loucura singular que nos permite aforisticamente dizer que todo mundo é louco, conforme o título proposto para o, por Jacques-Alain Miller, sem, todavia, fazer parte da loucura de todo mundo. Interessou-lhe de saída notar que um enigma semelhante se apresenta quando o último Lacan enuncia, em seu discurso de encerramento das jornadas de Lille, que não se desperta jamais (Lacan, 1981/2020, p. 8). Assim como é preciso não ser louco da loucura de todo mundo para dizer que todo mundo é louco, seria necessário não estar dormindo o sono de todo mundo para se dizer que não se desperta jamais, sem disso fazer mais um enunciado adormecido. Destaca a seguinte contradição: se no registro da forclusão generalizada todos deliram, sendo o delírio a norma, então não há patologia, somos todos normais. Levanta uma questão epistêmica radical: com que autoridade poderíamos, então, estabelecer uma nosologia clínica da psicanálise, visto que essa fórmula permite reduzir nosso saber a um caso particular de produção delirante, se a psicanálise ficar enredada no domínio universal do delírio de "todo mundo"?

Entre as resenhas, contamos também com a de Leonardo da Silva Santos sobre o livro de Antonio Teixeira intitulado *O topos ético da psicanálise na clínica com o sujeito desbussolado*. Este, revela-se de uma atualidade impressionante, mesmo após mais de vinte anos de seu lançamento. O livro aborda a ética da psicanálise fora de qualquer referência humanista, apreendendo a formulação de Jacques Lacan acerca do objeto causa de desejo, o qual escapa das coordenadas simbólicas do sujeito. Através de um vasto percurso pela obra do psicanalista francês, sobretudo a partir do *Seminário 7, sobre a Ética da Psicanálise (1959-1960/1997)*, Teixeira evidencia os principais abalos do advento do cristianismo e da ciência moderna nas coordenadas trágicas do desejo, os quais resultam na carência de referenciais simbólicos para inscrever o destino do sujeito e orientar a satisfação do desejo nas balizas sustentadas pelo laço social. Com o declínio da autoridade paterna, a renúncia ao pagamento da dívida simbólica deixa de ser um ponto nodal na relação do homem com Deus uma vez que, com o advento do cristianismo, o homem tornou-se Refém do Verbo. Isto resultou na possibilidade de o sujeito

se recusar ou não a pagar o preço da castração, isto é, a libra de carne, tal como Lacan formula a partir do conceito de objeto *a*.

Dois artigos tratam das questões da adolescência nos dias de hoje. Juliana Tassara Berni e Nádia Laguárdia de Lima abordam o adormecimento psíquico e o despertar do inconsciente na adolescência. Partindo de uma reflexão sobre os efeitos do contexto da cultura digital sobre os adolescentes de hoje, relançam a aposta na palavra psicanalítica. Fundamentam essa orientação na teoria psicanalítica, desde as concepções freudianas até as elaborações contemporâneas. Visto que a infância é uma fase constitutiva do sujeito com implicações para a adolescência destacam que o estatuto do saber sofreu transformações decorrentes da aliança entre o capitalismo e da crescente digitalização. Essas transformações contribuem para configurar o que decidiram chamar de adormecimento psíquico no laço social.

Marina Harduim Sant'Anna Campos e Renata Alves de Paula Monteiro dissertam sobre a concepção de corpo na psicanálise a partir das obras de Freud e outros autores contemporâneos. Seu recorte é a função da imagem de si na formação do Eu no estágio do espelho tendo em vista o impacto da desestabilização dessa imagem com as transformações corporais da adolescência. Consideram, então, a adolescência uma reedição do estágio do espelho onde o sujeito, que não se enxerga mais como criança mas, ainda não reconhece sua imagem adulta, tem a unidade do Eu desestabilizada, precisando reinventar uma nova posição para si frente ao Outro. Por fim, interrogam as dificuldades impostas a estes sujeitos pela crescente virtualização da própria imagem em dispositivos eletrônicos e telas na internet.

Como pudemos ressaltar, a orientação lacaniana tem se debruçado sobre o impacto da aliança entre o discurso do capitalismo e a ciência nos sintomas contemporâneos. É uma particularidade do Instituto Sephora de Pesquisa de Orientação Lacaniana – sob minha presidência – a pesquisa acerca das discursividades pós-modernas com origem nas universidades americanas inspiradas na ideologia de esquerda da New Left, na produção do efeito de forclusão generalizada que se derrama sobre os sintomas contemporâneos e que muitas vezes dificultam distinguir as novas neuroses das psicose ordinárias.

Nesta orientação, nos encontramos muito próximos do curso das discussões sobre a contemporaneidade na *École de la Cause Freudienne* e na Associação Mundial de Psicanálise. Esses avanços não costumam repercutir suficientemente na direção tomada pelos pesquisadores de inspiração lacaniana.

Agradeço imensamente aos autores que mais uma vez depositaram sua confiança em nosso trabalho editorial. Estendo meus agradecimentos à toda a equipe responsável pela edição de aSEPHallus número 37, Rosa Guedes, Flávia Lana, Catarina Coelho, Rebeca Espinosa e Ângelo Costa.

Aos nossos leitores, direciono minha sincera esperança de que tenhamos êxito em transmitir o espírito de nossa missão o mais fielmente possível.

Referências Bibliográficas

- Félix, P. D. (2021). *Variantes da neurose-tipo ou a defesa na atualidade da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Scriptum.
- Lacan, J. (1997). *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Teixeira, A. M. R. (1999). *O Topos Ético da Psicanálise*. Porto Alegre: Coleção: Filosofia Edipucrs.

Citação/Citation: Coelho dos Santos, T. (nov. 2023 a abr. 2024). Fundamentos das estruturas subjetivas na psicopatologia psicanalítica: declinações nas neuroses e psicoses atuais. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 19(37), 01-06. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2024v19n37p01-06.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 14/04/2024 / 04/14/2024.

Aceito/Accepted: 14/04/2024 / 04/14/2024.

Copyright: © 2024. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.